

Judith, acto III, scena V — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

JUDITH

TRAGEDIA ITALIANA, POSTA EM PORTUGUEZ POR MENDES LEAL JUNIOR, E ACTUALMENTE REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA II

> Judith rendeu a Holophernes com os pés, querendo mostrar Deus, que para vencer muitos milhares de homens a cavallo, basta uma mulher, e essa a pé.
>
> PADRE VIEIRA: Serm. VII. 98.

Ha um livro da Biblia dedicado exclusivamente á historia de Judith, viuva de Manassés, da tribu de Simeão, a qual sendo protegida do verdadeiro Deus, a quem sempre servíra fiel, soube, heroicamente, livrar a cidade de Bethulia, sua patria, da tyranna oppressão de Holophernes, general do exercito de Nabucodonosor, rei da Assyria.

E foi assim:

Pelos annos de 600 antes da vinda de Christo, o feroz Nabucodonosor talou e conquistou toda a Judéa, arrasando os muros de Jerusalem, pondo fogo ao templo de Salomão, e levando captivos para Babylonia todos os judeus.

Por este tempo, Holophernes, o seu maior general, sitiou a cidade de Bethulia, onde residia Judith, viuva de rara belleza, moça, rica, e mui temente a Deus. Resistiram os bethulienses por muito tempo; mas Holophèrnes, para os render, mandou cortar as aguas de que a cidade se provia, de sorte que morrendo já muita gente á sêde, os do governo resolveram entregar-se a partido.

Sabendo d'isto a viuva Judith, foi-se a casa de Osias, governador da cidade, e n'uma junta que a seu rogo se convocou, lhes fez uma eloquente exhortação para que se não rendessem, antes d'ella voltar do mosquiteiro ou tenda de Holophernes, onde o ia obsecrar para que levantasse o cerco.

Entre o espanto e a duvida, concederam os magnates a dilação que tão heroicamente lhes propunha Judith.

«E logo ella despe o cilicio de que andava toda coberta; enxuga os olhos das lagrimas com que orava ao ceo; manda vir cheiros, joias, galas, espelho; veste, compõe, enriquece, esmalta, os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços, e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a Escriptura); e feita Judith um thesouro de cubiça, um pasmo de formosura, e mil laços do appetite, sáe confiadamente pelas portas da cidade, com sua criada atraz (*cum suâ ancilla*, diz o texto), salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, e váe direita á propria tenda de Holophernes.»

Encantado de tal formosura, e principalmente enlevado na riqueza e mimo com que ia calçada (*sandalia ejus rapuerunt oculos ejus*, diz o texto sagrado), offereceu-lhe logo a mão de esposo, mandando aprestar um banquete, onde a apresentou a todos os seus cabos de guerra. N'este banquete se embriagou a ponto de vir em braços para a sua camara, e ahi, quando o viu bem pegado no somno, lhe cortou Judith a cabeça, com a espada d'elle proprio.

Com este tropheu regressou logo a Bethulia, relatando ao povo o acontecido, que sendo já sabido do exercito inimigo, levantou este, precipitadamente, o sitio.

Judith, depois de dar graças a Deus, retirou-se outra vez a chorar no lar domestico a sua viuvez.

Tal é a maravilhosa façanha que tem dado assumpto a muitos quadros, poemas e tragedias.

Quando ha dois annos veiu a Lisboa a famosa, a unica tragica do nosso tempo, Adelaide Ristori, uma das tragedias por ella representadas que mais agradou, foi a *Judith*, de Giacometti.

Trasladada e melhorada em portuguez pelo egregio poeta lyrico e dramatico, Mendes Leal Junior, foi a execução d'esta peça confiada á nossa primeira actriz, Emilia das Neves, e ao insigne actor J. J. Tasso.

Ha muitos annos que o theatro nacional não via em scena tão perfeito espectaculo. Poema, representação, scenario, tudo tem arrebatado os applausos do publico, em quinze enchentes successivas.

A imprensa tem analysado e louvado, a flux, a execução da *Judith*. Nós, confessâmol-o sem rebuço, não somos de tão facil contento. Não admittimos tragedia senão em verso, nem que a representem actores que não sejam de alto cothurno. Nem Emilia, tão insigne actriz, nem Tasso, artista de tanto merito, tem a valentia e correcção que exige a tragedia.

Como tentativa, foi bem auspiciada, e bem galardoada tambem.

Mas será assisado desviar tão bons actores da sua ingenita vocação, dos seus naturaes recursos? Cremos que não. A voz máscula da Ristori que lhes responda. Adextrem os actores ainda em folha, para a tragedia; não inutilisem para o drama, para a comedia, os experimentados.

Em testimunho, porém, do louvor que merece um espectaculo tão esplendido, louvor de que participam, o poeta, os actores, o scenographo, o ensaiador, o mui perito actor Rosa, pela verdade historica, pela arte com que a peça está posta em scena, e tambem o commissario regio, damos aqui em gravura, pela primeira vez entre nós, a scena em que os dois principaes actores, Emilia (*Judith*) e Tasso (*Holophernes*) se acham a sós, e n'um lance em que a arte de representar é resvaladia.

O texto que se segue, e devemos ao obsequio do nosso affectuoso collaborador, Mendes Leal, melhor aclarará a situação.

SCENA V DO ACTO III

HOLOPHERNES E JUDITH

HOLOPHERNES.—Vês como te amo? Imperava esta mulher em meu coração. Agora imperas tu... n'ella e em mim.

JUDITH.—Imperio fugitivo!

HOLOPHERNES.—Immortal, se quizeres.—Assenta-te e ouve (*assentam-se nos recostos*). Sou filho dos chaldeus—um povo de gigantes e de numes—o primeiro que devassou os segredos do firmamento, medindo as espheras. Liam meus avós nas constellações do ceo os destinos do mundo. Tem cada homem a sua estrella: raiou a minha quando me appareceste. Para mim brilhas, e apagar-te-has commigo. Percorro o mundo como um planeta assombroso; serás tu a claridade precursora. No dia solemne has de annunciar-me aos povos. Cingindo-me a coroa do universo, has de acclamar-me rei da terra... e senhor dos ceos!

JUDITH.—Que proferes?

HOLOPHERNES.—Escuta mais. Vou desenrolar a teus olhos a immensa tela dos meus designios.—Voltarei a Babylonia, levando n'esta mão a terra subjugada. Para a dar de presente ao rei Nabuco? Insensato quem o pensa! Em quanto elle, encerrado no paraiso que Semiramis cingiu de muralhas eternas, consome os dias no ocio das devassidões, faço eu rodar, entre lagos de sangue e sobre cómoros de cadaveres, o carro das suas conquistas. Saiu-lhe da mente, é verdade, o grande pensamento da escravidão universal. Mas quem o fecundou senão o meu vasto espirito? Mas quem o executará senão o meu braço possante? Inscrevi-o primeiro nas minhas bandeiras; gravei-o depois na fronte dos povos. Esse pensamento, a principio um embryão, enformou-o, avultou-o, desenvolveu-o a minha espada: hoje vãe deixando por toda a terra um sulco e um echo!—Não nasci para servir a outrem de pedestal. Mal fez Nabuco em me confiar o raio e as azas. São as azas para voar, é o raio para fulminar. Vôo e fulmino. Quando me saciar de batalhas, onde hei de reclinar esta fronte inflammada? No throno de Nabuco. Servir-me-ha de encosto o solio; resplandecer-me-hão na cabeça as coroas da terra e do ceo n'um só diadema. Para que são tantas religiões, e cultos, e deuses, e altares? tantos sacerdotes, astutos e crueis, temerosos a quem reina? Uma só ara haverá, o meu throno; e Holophernes avassallará o mundo, unico soberano!... unico pontifice!... e unico Deus! (*Judith, sem poder occultar o horror que lhe inspiram estas palavras sacrilegas, ergue-se e afasta-se*). Que fazes? Foges!

JUDITH.—Ouço-te... e tremo!

HOLOPHERNES.—Assentar-te-has a meu lado, no empyreo que hei de levantar-te. Os innumeraveis portentos, creados até hoje pelo genio assyrio, são nada comparados ao que intento. Semiramis esculpiu montanhas; arremessou bosques e fontes sobre eirados; sagrou por templo a Baal uma cidade de oiro. Farei mais por teu respeito. Debaixo dos pés acharás razos os harens. Serás a unica esposa de Holophernes. Então as nossas almas, ébrias de amor, engolphar-se-hão no espaço; teremos, então, acima de nós um pavilhão de estrellas, em torno de nós uma nuvem de incensos!

JUDITH.—(*á parte, absorta nas suas reflexões*)

Silva, silva, serpente: não achas uma Eva que tentes; acharás um pé que te esmague!

HOLOPHERNES. — *(acercando-se)* Não me dás palavra, Judith? Mais benigna me será acaso a tua mão... *(quer tomar-lhe a mão).*

JUDITH. — *(com solemne pudor)* Detem-te!

HOLOPHERNES. — Fuzila-te a ira nos olhos! Amo-te, e fallo-te como se fôras minha esposa....

JUDITH. — Não o sou ainda. Vim aqui, enviada por Deus, para te guiar á iniqua Syão. Nada mais te prometti.

HOLOPHERNES. — Que dizes, mulher! — Não careço de auxilios. Se a isso unicamente vieste, insultas-me. Para me abrir todos os caminhos basta a minha espada; para me alumiar todos os passos bastam os raios que ella scintilla. Com o ferro destruo, com o ferro avanço. Julguei-te uma celeste visão — a estrella que me chamava... Sinto-o agora .. só o amor para ti me attrahia... um amor ardente e desesperado, repara. Ainda que fosses realmente o meu destino, luctaria: estou costumado a combater e a domar os destinos. Quero o teu amor, nada mais. Se o recusas, que importa? Conquisto-o. Sobra-me poder para te arrancar do coração uma imagem divina... e substituir-me a ella. Se o Nume de teus paes quer por tuas mãos abrir-me as portas da santa Syão, é porque treme da minha lança. Escolhe entre dois deuses, Judith!

JUDITH. — Só elle é Deus.

HOLOPHERNES. — Torna-te pois a Bethulia: lá te acharei. Se és a minha sina... ou o meu astro... atravessarei as nuvens para te desengastar do ceo; e de lá te reconduzirei á terra nas ondas dos meus cabellos. — Pensas que me apavoram as montanhas? a mim! Não queria decepar os reptis com a espada que derriba gigantes... Deleitava-me em ver acabar os teus, como os animalculos que a vaga desdenhosa depõe no areal... Mas tu duvidaste. Amanhã o meu corcel galgará essas penhas!

JUDITH. — Amanhã!

HOLOPHERNES. — Não escapará um só na cidade. Serão arrancadas as crianças ao ventre materno, e, como em Samaria, arremessadas do alto das muralhas!

JUDITH. — Oh! não... Aqui fico... *(intencionalmente).* Acabarei o que esta começado... juro.

HOLOPHERNES. — Não me basta, disse-o. Ardo em sêde... e esta sêde só podem apagar-m'a os teus labios.

JUDITH. — Terás o osculo de Judith, descança... Has de tel-o... amanhã!

HOLOPHERNES. — Dia de ventura é este! Dás-me a tua mão?

JUDITH. — Eil-a.

HOLOPHERNES. — Oh! divina ébriedade! És tu, Judith, és tu devéras o meu destino.

JUDITH. — Sou... vel-o-has!

O CANTO DE DHEBORA

(ABRAHAMIA — ACTO II)

D'Assur o monarcha findava a agonia
Nos restos fumantes do imperio e do lar;
E Dhebora o canto no monte rugia
Ás tribus dispersas por terra a escutar.

O Deus dos valentes, com elles pugnando,
Sangrentas reliquias salvou de Jacob;
O fogo incendendo-se, o mar trasbordando,
As hostes fugazes tornaram em pó.

Minha alma, revôa entre os bravos, caidos,
Quaes messes ceifadas, nos campos hebreus;
E os gladios pragueja, por oiro vendidos,
Que inertes ficaram, rebeldes a Deus.

Tu só, abrazada na chamma divina,
Tu só, entre todas, bemdita, ó Jahél,
Mil elmos fendeste co'a mão feminina,
Mais forte que os fortes do triste Israel.

Com animo impávido o prego cravaste
Na fronte coberta do fusco albornoz,
Lançando o martello, correste e bradaste,
Qual foge nos valles a corça veloz.

Incensem-te, enflórem-te o braço guerreiro
As filhas d'Engaddi, os heroes de Judah:
A tenda, banhada no sangue estrangeiro,
De louro e de roble depois se ornará.

Assim se dispartam no dia cruento
Os carros que gemem com longo fragor;
Assim se dissolvam, poeira ante o vento,
Os povos contrarios á lei do Senhor!

A PROPHECIA

(JUDITH — ACTO II)

Quando o rei de Moáb, Eglon, forjava
Grilhões sangrentos a Israel afflicto,
De Benjamin na tribu o cóllo alçava
Jehu, braço valente, animo invicto:
Este, offertando ao rei um grão presente,
No proprio throno o assalta ousadamente.

Debaixo d'amplo manto, recatado
Leva o punhal pendente na couraça;
Ajoelhando ante o solio, sobre o estrado,
Com fero impulso o peito lhe traspassa;
Depois rompe os portaes, galga a campina,
Qual raio vôa, e os arraiaes fulmina!

Vendo o seu chefe exanime na terra,
Fogem tremendo as hostes consternadas;
E nossos paes, colossos em tal guerra,
Tingem no sangue as triumphaes espadas.
Tal o esforço de um só com mão possante
Prostrou no solo o moabita errante!

A VISÃO DE ISAIAS

(ELIACIM — ACTO III)

Jerusalem jaz em pranto!
A rainha das cidades
Geme as suas impiedades
Toda trémula de espanto.
Ai! com razão se lamenta,
Que perto a ameaça a tormenta,
Qual se rompêra — no tom
Que as grandes iras intima —
Sobre os valles de Solima
A torrente do Cedron!

Choram as turbas inquietas
Pelos campos espalhadas;
Choram as virgens, prostradas
Sobre a campa dos prophetas.
Que horrivel scena contemplo!
O povo, expulso do templo,
Pela porta d'Ephraim
Sáe captivo além dos montes...
São meus olhos duas fontes
Que vão correndo sem fim!

Na solidão do abandono
Correi, lagrimas ardentes,
Sobre esta cinza das gentes,
Sobre este pó, que foi throno!...
Mas que vejo!... A triste aurora
A Israel não surge agora.
Inda é cedo. — Uma cordeira
Subjuga, atterra um leão.
Assim a fera estrangeira
Róla sangrenta no chão!

EMILIA

Oh! se te amo, theatro! oh! se te devo amor!
Quanto sou foi teu dom, meu bello salvador,
Theatro, capitolio, eschola, asylo, mundo!

Estes aureos versos poz o principe dos poetas lyricos de Portugal, A. F. de Castilho, na bocca da princeza da scena portugueza, Emilia das Neves, escrevendo-lhe a biographia, ainda não completa, na «Revista Contemporanea.»

N'elles está recopilada a vida, o triumpho, a fama, a posteridade d'este peregrino talento dramatico, sem par nos fastos do theatro nacional.

Desde a apaixonada *Beatriz* do *Auto de Gil Vicente*, até á castissima *Judith* da Biblia, no longo estadio de vinte e dois annos, que de palmas e coroas lhe não tem conferido a admiração publica, pela verdadeira expressiva de tantos affectos, quanto hão sido os papeis a que a versatibilidade do seu talento tem dado vida, realce e nome!

Requer a arte dramatica, na mulher principalmente, tantos dotes, que raro se logra vêl-os em conjuncto. Como se para ella a fadasse, deu a natureza a Emilia das Neves a maior parte d'esses dons. Esbelta e gentil figura, gesto senhoril, olhos eloquentes e perspicazes, voz sonora e fagueira, physionomia cheia de graça, posto que não mui versatil, tudo isto subjugou logo a espectação publica desde o seu apparecimento em scena, e lhe rompeu caminho direito ao fastigio a que dentro em pouco subiu.



Emilia das Neves e Souza

Se os dons da segunda natureza, a arte, tivessem esmaltado aquelles com que a primeira a enriqueceu, Deus sabe até onde ascenderia a nossa graciosa actriz. Ao seu genio, estudo, sagacidade e amor da gloria, deve ella o muito que vale, n'uma terra sem eschola dramatica, sem instructores, sem modelos, sem repertorio, sem theatro propriamente nacional.

Para a *Judith* teve ella na Ristori um compendio classico da representação tragica. E vê-se que o não estudou sem aproveitamento. Deu já a primeira lição: podêmos-lhe perguntar á sua consciencia se ainda tem folego para tanto? A tragedia é como a epopéa, na mediania annulla-se.

Quem no drama e na comedia campeia sem rival, para que ha de agora, já na linha do poente, tomar uma travessia tão cortada de precipicios, sem os alentos da primavera?

Outra será a linguagem da lisonja maligna ou nescia, diversa a da cortezia mendaz ou insidiosa — a nossa, dictada pela convicção, é esta.

TASSO

Quem dirá que esta physionomia tão serena, grave e sympathica, é a do actor que na estampa da primeira pagina vimos transformada no aspecto repugnante e temeroso de Holophernes? A tez adusta, os olhos revoltos, fuzilando irados a cada trovão da voz rebombante, a cada rasgo da lamina ingente; o cabello em roscas viperinas, e, perfazendo o medonho da catadura, ébrio e lascivo, a raivar como um cerdo dos montados de Epicuro!

Vêde como a arte sabe metamorphosear o homem.

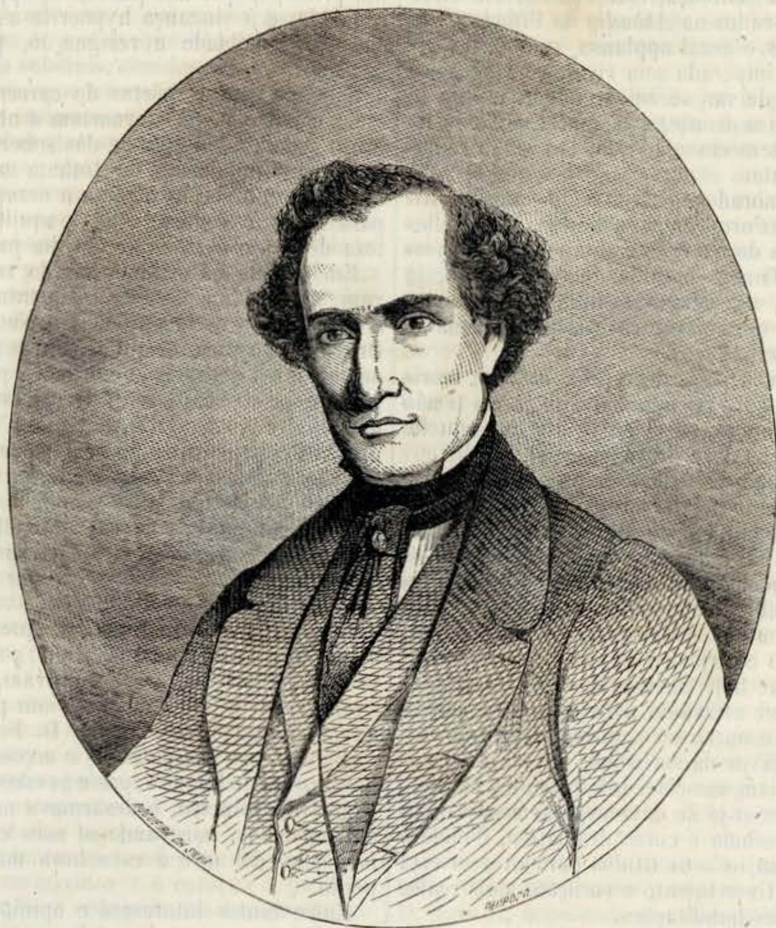
e o theatro illudir o espectador. Sem mascara tão visivel, quantos papeis não representam os homens na scena da vida, e no grande palco do mundo?

Este Holophernes ficticio, que tão bem simula os vicios d'aquelle monstro biblico, na sociedade é um Tito, isento de paixões ruins, brioso, bem conceituado, ameno e cavalheiro no trato, o primeiro galante, ou galan como hoje se diz, do theatro normal.

Vocação irresistivel o impelliu para a arte dramatica, quando cursava a academia de marinha, para se aventurar a mares e ventos, não menos arriscados que os do oceano theatral, onde as singraduras se contam pelos naufragios, nas costas scenicas de Portugal principalmente.

Mas o actor Joaquim José Tasso tem tido o Santelmo quasi sempre propicio. Até naus da India tem levado a porto e salvamento, como, por exemplo, esta frota da *Judith*, em que elle, vergando ao peso do oiro, é Gama e Adamastor. Gama no commettimento e exito, Adamastor no horrendo e pavoroso.

Ha vinte annos que o publico de Lisboa o festeja no seu primeiro theatro, e no caracter mais difficil,



Joaquim José Tasso

porque todos temos representado o papel que lhe tocou a elle variar até ao infinito. No drama e na comedia, Tasso entra sempre apaixonado, quer queira quer não, ha de amar.

Se o nosso actor não tivesse outros dotes para carear as sympathias do espectador, bastava-lhe este condão de galan effectivo para lh'as conquistar.

Já a perola dos actuaes escriptores amenos e joviaes, Julio Cesar Machado, tracejou firme, com penna tão buliçosa qual é a d'elle, o retrato do galan theatral, escrevendo alegremente a biographia de J. J. Tasso:

«Ao galan (diz elle) incumbem sempre as heroicidades dramaticas.

Se ha um incendio, é elle quem salva a dama, e o pae da dama, e a familia da dama!

Se a desgraça vem pousar no lar domestico em que a namorada passa os seus dias, e a miseria se aproxima, o galan, ainda que não tenha onde cair morto, trata logo de arranjar fortuna; d'alli a nada volta rico, casa com a menina, e paga aos credores do pae.

Se os cavallos que conduzem a carruagem em que váe a «joven» tomam o freio nos dentes, e ameaçam ruina total á menina e á traquitana, quem é que atira comsigo á frente da parelha, e faz o milagre de lhe suspender o curso?

O galan; por força, o galan.

Nos primeiros dois actos da peça, dizem todos mál d'elle, para o seu triumpho ser mais completo na scena da reconciliação paterna, que é o «*rondó*» das comedias: um considera-o pobre, outro altivo, algum descobre nodoa no seu nascimento, este afiança que é jogador, e aquelle que roubou já alguma coisa accusa-o a elle de ladrão!

Todos os elementos que possam concorrer para a destruição de uma creatura se conspiram contra este homem; e todavia, é tão grande o seu valor, tão bem encaminhados os seus instinctos, que váe tratando de restabelecer o seu credito, e tanto faz que se justifica de um instante para o outro, com a maior precisão, a maior clareza; confundindo a calumnia, perdoando ao calumniador, e exultando no regaço da victoria!»

Aqui está o Tasso desenhado em scena.

Tal tem sido o seu fadario de vinte annos, sem que haja ainda exhaurido o carcaz do travêsso filho de Venus, d'onde tira as settas para se transformar em amoroso de todas as regiões, de todas as idades e condições; com supplicas e lagrimas no drama; com requebros e suspiros na comedia nobre; com chistes e ardis na comedia popular; e algumas vezes, como agora na *Judith*, os farpões com que fere e mata a paixão brutal.

Se, como é sentença commum, os principios são tudo, e o ser das coisas d'elles costumam depender, Tasso confirmou a sentença, estreando-se em 1841 no papel de galanteador na *Abbadia de Viterbo*, com tão bons auspicios e geral applauso, que desde então até hoje tem imperado sem rival, sem par, e o que mais é, sem deixar successor á coroa, que já lhe váe inclinando a fronte, por mui carregada de joias com que a tem cravejado em tão longo reinado de primeiro galan.

Ó terra de namorados, patria de Bernardim Ribeiro, tu que outr'ora contavas tantos, que d'elles se formou uma ala do exercito capitaneado pelo mestre de Aviz, na famosa batalha de Aljubarrota, já não tens, sequer, um namorado fingido, um namorado de comedia, um galan theatral, que succeda ao que hoje vive e reina?

Portugal, velho és; mas decrepito, caduco, moribundo, defuncto, hão de chamar-te, se já em ti não ha coração para amar, se já se te apagou aquelle fogo que abrazou os doze de Inglaterra!

Pobres somos, pobres fomos sempre de bons actores, e mais ainda de galans para o drama e para a comedia nobre. A tanta penuria, porém, nunca chegámos. Amorosos de entremez, de farça, tivemol-os bons, e ainda temos. E que o theatro, entre nós, foi sempre muito plebeu, com poucas excepções. Data de poucos annos a sua restauração; e ainda assim, não estão de todo extirpados os vicios de origem.

A estimação que hoje fazemos dos artistas dramaticos deverá já ter attrahido para o theatro muitas vocações, de um e outro sexo, que d'antes eram repellidas pelo desfavor da sociedade, e pela má companhia a que se iam associar. Infelizmente, não tem acontecido isso, nem já se deve esperar sem a instituição de uma eschola e curso dramatico, d'onde a mocidade sáia com os seus titulos para exercer esta profissão. Quem tiver talento e vocação, mais realce lhes dará com taes habilitações.

Oxalá que este arbitrio se tome quanto antes, porque d'elle depende o futuro do theatro portuguez, que o presente é bem desconsolador.

D. JOÃO II E A CONSPIRAÇÃO DA NOBREZA

LUCTA DA PREROGATIVA REAL

CAPITULO X

O DUQUE DE BRAGANÇA NA PRISÃO. ULTIMOS MOMENTOS

(Fragmento inedito)

Apenas entrou no aposento com el-rei, e ouviu da sua bocca a ordem de aguardar preso o exame das culpas que lhe imputavam, o duque de Bragança devia ler, no rosto do filho de Affonso v, o destino que o esperava.

A colera do monarcha tinha sido tão paciente, e o golpe subito era vibrado com tanto vigor, que o poderoso fidalgo, rasgado repentinamente o véo que lhe encobria a verdade, não podia enganar-se por mais tempo.

Se D. João II appellava, assim descoberto, para a violencia, é porque se julgára o mais forte: e o duello travado, desde a sua coroação, com os donatarios, só havia de terminar pela ruina do duque, ou pela quéda do rei.

Tomado de sobresalto, antes de amadurecidos os planos de resistencia, D. Fernando conheceu que nem a altivez, nem a submissão tardia o podiam salvar. Se o orgulho o não desamparou de todo, logo alli, valeu-lhe, de certo, para, sossobrado no rapido naufragio, não desmentir os brios de cavalleiro, e a fortaleza de espirito, de que era dotado. Em ferros, e tendo alçada sobre a cabeça a espada de um principe, que não perdoava, oppoz ao odio a serenidade, e á vingança hypocrita a firmeza inspirada pela humildade e resignação, proprias de um christão.

Sabendo que as portas do carcere, para um homem como elle, não tornariam a abrir-se senão sobre o cadafalso, despiu-se das soberbas e ambições, que tantas inimizades lhe tinham grangeado, e voltando para o ceo os olhos e o coração, preparou-se para encarar a morte com tranquillidade, na incerteza de ella o chamar de um dia para o outro.

Em quanto os ultimos fios do trama se enredavam, e as instancias do rei constrangiam os juizes a acompanhal-o na insoffrida impaciencia, o duque de Bragança passára doze dias, desde o da sua prisão, no meio dos cavalleiros e criados, postos pelo soberano para o guardarem. O camareiro-mór, Ayres da Silva, e Antão de Faria, que, n'este reinado, representou papel analogo, em parte, ao de um dos famulos validos de Luiz XI, foram os dois a quem D. João commettêra o odioso officio de não perderem de vista o neto do conde de Barcellos, e é provavel que ambos continuassem a corresponder á sua confiança, não se apartando, senão por leves momentos, do lado do desditoso duque. [1]

Assim rodeado de inimigos, que espiavam até o menor de seus movimentos, e que, por entre affectadas provas de cortezia, não occultavam, antes deixavam transluzir o jubilo com que viam prostrado aquelle que, dias antes, receiavam; D. Fernando II, superior á fortuna nas palavras e acções, redarguia com inteireza ás palavras vagas e ás consolações dos confidentes do principe, e desarmava mesmo alguns dos antigos odios, mostrando-se mais compadecido, que magoado, dos que a essa hora machinavam a sua perda.

Entre tantos interesses e opiniões oppostas, melhor do que ninguem, mediu o alcance do rasgo a que el-rei se abalançára. A resposta dada a Ayres da Silva attesta que, sentindo sobre si a mão de ferro de um soberano inaccessivel á clemencia, não se illudia com loucas phantasias. « Um homem como eu, disse elle, não se prende para o soltar! »

Entretanto, se a reflexão por vezes o vinha confirmar na apprehensão de que o processo, com tanto ruido accelerado, concluisse por um desenlace tragico, parece tambem que outras vezes a esperança, sempre a ultima a fugir dos que padecem, o confortava com a idéa, de que uma prisão perpetua poderia satisfazer as iras, ou os temores do monarcha.

Quaesquer que fossem os seus pensamentos a este respeito, é obvio para nós, que desde o primeiro dia percebêra, como affeito ao trato dos negocios, que o

[1] O duque foi preso, como dissemos, por D. João II, em pessoa, ao sair do despacho, e encerrado n'uma casa que servia de guarda-roupa nos paços do conde de Olivença, onde el-rei morava, em Evora. *Vid.* Resende. *Vida e feitos del-rei D. Joao* II Cap. 43.— *Provas da historia genealogica.* Tomo III, pag. 777. D. Agostinho Manuel. *Vida y acciones del-rei D. Juan* II. Libro III, pag. 112 e 113 edição de Madrid, 1639. Marquez de Allegrete. *De rebus gestis Joannis* II, pag. 117 e seguintes. Ullyssipone 1539. Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Joao* II. Ineditos da academia real das sciencias de Lisboa. Tomo II, cap. 140.

A prisão do duque verificou-se n'uma sexta-feira 29 de maio de 1483.

filho de D. Duarte se não atrevêra a luctar corpo a corpo com a nobreza para desistir depois de leve encontro, e quasi lhe lançar aos pés o manto real. Advertido, embora tarde para o remedio, da imprudencia com que se expozera, lembrou-se de quem descendia, e seguro na adversidade, não quiz dar de si o espectaculo de implorar em vão a misericordia do vencedor.

As horas, que tão lentas e pesadas se contam para os que suspiram em ferros, as vivas saudades do que ia perder, e a pavorosa visão do patibulo, que o ameaçava, não lhe acurvaram o animo, nem o demoveram do proposito de não disputar os dias que lhe restavam, descendo a advogar a sua causa perante um tribunal composto de juizes, que não eram seus pares, e que, sendo subditos, timidos, ou cubiçosos, já de antemão previa, que necessariamente subscreveriam ao que lhes insinuasse o rei.

Para elle, senhor dos segredos do caracter e da corte de D. João II, era claro que a sua sentença fôra lavrada e confirmada na hora em que o soberano, conscio do seu poder, ousára tratal-o como trataria o mais obscuro cavalleiro. As formalidades ordenadas tinham por fim dar alguma côr de justiça ao acto politico; mas D. Fernando, recusando defender-se, e allegando apenas a incompetencia do tribunal, provou que estava plenamente convencido, de que a decisão só pendia da vontade do principe.

Este, da sua parte, se por um lado via aproximar com satisfação a hora de lavar no sangue do duque as offensas de tantos annos, e talvez o resentimento não aplacado da catastrophe de Alfarrobeira, pelo outro não estava de certo inteiramente despreoccupado de cuidados e receios. Se o presente assegurava a execução dos seus designios, proporcionando-lhe este lance facil para ferir na cabeça os orgulhosos vassallos, sentenciando e justiçando o cunhado de sua esposa, parente de reis, e quasi rei elle mesmo pela pompa e grandeza do estado, não podia escapar á sua penetração, embora cega pelas paixões, que, passado o primeiro assombro do raio, devia temer que das cinzas do duque de Bragança se levantassem vingadores, e que, ajudada a guerra civil pelas armas estrangeiras, o monarcha em breve não tivesse de se arrepender do audacioso feito.

Apesar d'isto, e das lagrimas que na intimidade do paço haviam de tentar suspender-lhe os passos, não cedeu. Cerrados os ouvidos e o coração á piedade, replicando ás supplicas com palavras brandas e evasivas, calculadas para entreterem os credulos com fugitivos clarões de esperança, conciliador e affavel nos modos, mas implacavel e rigoroso nas obras, apressou os termos do processo, negou ao accusado os meios efficazes de defesa, encurtou os prasos e as formulas, e rematou este drama de triste memoria para o seu nome, por se assentar, sendo accusador, na cadeira de juiz, não se encobrindo de opprimir com a presença do rei a consciencia de magistrados seus complices, ao que parece, no assassinio juridico, resolvido para firmar por um grande exemplo o imperio e a auctoridade monarchica.

O que n'estes dias de cruel anxiedade para todos, e até para o que se reputava senhor da vida, ou da morte do duque, podia salvar a D. Fernando, era a reluctancia decidida dos fidalgos, e uma severa demonstração em seu favor por parte dos reis catholicos.

D. João, tão subtil como o rei de Aragão na arte de dissimular, entreteve-o, como notámos, com promessas e meias confidencias até se assegurar da obediencia do reino; e a nobreza, pasmada e attonita, em vez de acudir ás terras e castellos para se oppor á ousada manifestação do poder absoluto, perdeu a occasião de salvar o seu chefe, dictando ao throno asperas condições.

Quebrantada, e cheia de espanto, lançou-se aos pés do inimigo, supplicou de joelhos em logar de combater de pé, vestiu-se de seda, e não de aço, e de todas estas tristes genuflexões só colheu o deploravel desengano, de que o herdeiro de Affonso V, zombando da humildade aconselhada pelo medo, tirava d'ella ainda maior animo para adiantar o ultimo passo!

Muito habil para não aproveitar a boa sorte que se lhe offerecia, D. João, achando o caminho livre, apressou-se, e feriu o duque, bem convencido de que decapitava para sempre com elle o partido que encruzava os braços, vendo rasgados os seus fóros, e ultrajados na pessoa do seu chefe os privilegios que sustentára com ameaças e clamores nas horas de arrogancia.

O calculo do rei foi o que a politica violenta e sanguinaria do seu tempo aconselhava então aos principes. Vivo o duque, embora despojado de honras e bens, embora sepultado em uma prisão perpétua, os descontentes sempre haviam de volver para elle a vista; e o desejo de lhe restituir a liberdade serviria de pretexto e de nucleo a novas conspirações. Morto como rebelde, se a dor podia fazer arrancar a espada ou o punhal a alguns, mais temerarios, a certeza de que em presença do monarcha seriam todos eguaes no castigo, devia desalentar o maior numero, embaraçando que a nobreza tornasse a unir os membros dispersos a fim de luctar contra elle, estimulada por um só pensamento e uma só vontade.

Uma noticia, escripta pelo confessor que lhe assistiu até aos ultimos instantes, sobreviveu para nos desenhar, posto que em traços rapidos, ou confusos, a physionomia do duque, a do rei, e a de alguns dos actores que tomaram parte no tragico desfecho das rivalidades e malquerenças de tantos annos.

No «Breve Tratado», composto pelo padre Paulo, sobre a morte de Fernando II, e enviado por elle á duqueza, sua esposa, encontram-se allusões indirectas e toques que, não dizendo toda a verdade, nem metade d'ella em muitos casos, deixam adivinhar, comtudo, que o religioso, lembrado de mais das ciladas da corte, quiz apagar do papel tudo o que podesse soar, como offensa, contra os poderosos.

Para acudir ao penitente, do qual pouco se apartaria talvez nos tempos prosperos, foi necessario que D. João II, accedendo aos desejos do duque, o compellisse a visital-o na prisão, e a confortal-o com os auxilios espirituaes; e assim mesmo (elle proprio o confessa), aos avisos e admoestações do principe oppoz varias desculpas e rodeios, procurando furtar-se ao magoado trance de agonizar, na força da vida e robusto de saude, aquelle que dias antes era o primeiro do reino, e com um volver de olhos confundia os que o atropellavam.

— «Senhor, disse o confessor a el-rei, eu sou pouco para o que me encarregaes, e se ha de haver tormento, ou execução, ainda mais incapaz. Provéra a Deus achar-me hoje d'aqui cem legoas!»

Desprezando as suas vozes, o monarcha respondeu-lhe, que o duque o pedia, e que se dispozesse para o ir acompanhar.

Estas palavras eram ordens, e o padre não julgou prudente inflammar contra si a colera de um soberano, que se erguia assim terrivel e armado contra o mais poderoso vassallo da coroa.

O confessor tinha chegado a Evora doze dias depois da prisão de D. Fernando, e sabendo que a duqueza partira tambem de Villa-Viçosa para soccorrer o marido com os prantos e lastimas de tão grande infortunio, como criado d'aquella casa e amigo sincero, vencendo a timidez, fôra logo consolar a princeza,

que para muitos era já quasi como se estivesse viuva, ou como se pesasse sobre ella o lucto do patibulo, e a nodoa de ser mulher de um justiçado.

Ao sair d'esta vista em que por vezes lhe desfalleceu o coração, e na qual, desejando mostrar-se animoso, unira as suas lagrimas ás de D. Isabel, é que o recado del-rei o colhêra, e que, não lhe valendo evasivas, teve de acceitar a afflictiva missão que as ordens do neto do infante D. Pedro lhe incumbiam. [1]

O padre Paulo encontrou o duque de Bragança no meio de guardas, vestido e recostado na cama, mas sem ferros, nem algemas. Desde que elle fôra preso, e apesar da constancia que ostentou até expirar, não é de crer, que tantos dissabores e vicissitudes passassem pela sua alma sem a abalar. Proximo do calvario, e conhecendo a amargura do calix que ia beber até ás fezes, o proprio Christo, e era Deus, tremeu da morte: o que seria do fidalgo mais orgulhoso e adulado, o qual subira coberto de applausos todos os degraus das grandezas humanas, quando comsigo mesmo contemplasse a altura de que tinha sido precipitado?

A tempera do seu caracter era tão rija, todavia, e tanto poder exercia sobre todas as suas acções, que as magoas, os receios, as agonias, e as incertezas d'estes dias, seguramente os mais longos e crueis de toda a sua existencia, nunca transpiraram para fóra do seu peito, apesar de trespassado por tantos golpes a um tempo.

O padre Paulo apenas poz n'elle os olhos considerando tudo o que n'este instante havia de padecer, suffocou-se, e não se atreveu a soltar a menor phrase diante d'aquella dor, viril e nobre no soffrimento. Calado, assentou-se como pasmado na borda do leito, e esperou que o preso o interrogasse.

O que podia eu fallar, accrescenta elle, quando a memoria e o coração me apontavam para o novo Job, e me advertiam, de que tambem os amigos do justo, contristados, sete dias se conservaram junto d'elle, porque não sabiam o que podessem dizer para o consolar?

O duque foi quem se recuperou primeiro da momentanea turvação.

Compadecido da fraqueza do padre, levantou-se, e sereno de rosto e de voz, tocando-lhe por amizade com a mão no hombro, acordou-o do espasmo, exclamando; « Que é isto, padre? Agora careço de quem me allivie, e não de quem me entristeça. Não está o tempo para paixões, mas para me ajudardes a revestir de esforço e de conformidade. »

Mudando depois repentinamente, como succede aos que pelejam com uma idéa, que distrahida volve sempre, e logo, a apoderar-se do espírito, ajuntou: « Que vos parece tudo isto? »

« Pena de peccado e fructos do mundo, » acudiu o religioso, ao qual a fortaleza do penitente restituira o valor. Proseguindo depois com mais socego e pausa principiou a exaltar as mortificações, com que Deus castiga os que determina premiar com a bemaventurança.

O duque, altivo e severo de mais, quando descarregava sobre os povos a vara do poder, crià sinceramente nas verdades que a religião ensina; ferido pela desgraça, refugiou-se no seio da viva e ardente fé da sua epocha.

(Continúa) L. A. Rebello da Silva.

[1] Vide—*Breve Tratado que escreveu o padre Paulo sobre a morte do duque de Bragança.*—Tomo III das Provas da Historia Genealogica pag. 775—791. Cingimo-nos principalmente ao texto d'esta noticia, que respira ingenuidade, e cujas côres nos parecem mais verdadeiras e naturaes apesar das voluntarias omissões e das transparentes reticencias do religioso, do que os periodos elegantes de outros escriptores. O padre Paulo viu e sentiu o que narra, e pôde ler na alma do duque ainda os mais secretos sentimentos d'esse terrivel trance, em que a vida, suspensa sobre a eternidade, pende apenas de um signal.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS INTOLERAVEIS

Confeccionar, ou antes confeiçoar, em bom portuguez, é fazer confeições, que são as preparações medicinaes que se manipulam nas boticas; e, por analogia, certas misturas, adubos etc. com que se temperam ou *destemperam* os vinhos.

Que fazem os remendões da nossa lingua, empregam este nosso verbo na accepção do *confectionner* francez, e dizem:

Nomeou-se uma commissão para *confeccionar* os estatutos. Estou *confeccionando* um drama. O ministro foi encarregado de *confeccionar* o projecto, o regulamento, a lei. Já está *confeccionado* o programma.

E o caso é, que talvez por sestro da origem da palavra, quasi sempre de taes laboratorios sáem cataplasmas, e nunca obra sem confeição!

É escusado indicar, por mui triviaes, os verbos proprios e expressivos que, para engeitarmos similhantes barbarismos, tem a nossa linguagem. Basta esta advertencia para precaver os principiantes, e se corrigirem os menos instruidos.

Tambem os gallicistas tratam *de resto* a nossa lingua traduzindo as locuções *au reste* e *de reste* ao pé da letra, como se ellas podessem substituir as muitas conjuncções adversativas e modos adverbiaes que temos, para exprimr a significação d'aquellas clausulaes francezas.

É commum lêrmos nos escriptos modernos: Fulano é ignorante e enfatuado; *de resto* excellente pessoa. A peça está mal traduzida; mas *de resto* sempre agradou. Os actores representam mal; *de resto* foram chamados fóra. *De resto* a minha opinião triumphou.

Todo este phraseado é espurio e barbaro.

A genuina traducção é esta:

Fulano é ignorante enfatuado, *porém* bom homem. A peça está mal traduzida; *apesar d'isso*, ou *não obstante*, agradou. Os actores representaram mal; *comtudo*, ou *ainda assim*, foram chamados e aplaudidos. *Todavia* a minha opinião prevaleceu.

Além da vernaculidade, não ha muito mais clareza e concisão n'estas phrases do que n'aquellas outras?

Exemplos classicos não faltam, mas bastam estes:

« Não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos devéras; *todavia* se conhecem uns dos outros nas adversidades. — *D. Fr. Amador Arraes.* »

« Orae e esmolae; *quanto ao mais* fica á conta de Deus. — *Fr. Christovão de Lisboa.*

Note-se que vamos apontando os gallicismos *intoleraveis*, por serem, não só contrarios á indole, senão tambem á grammatica da nossa lingua; que os *toleraveis*, os admissiveis no vocabulario nacional, esses não engeitâmos, e d'elles havemos de fazer catalogo, para que se distingam dos que a opinião dos doutos reprova.

Bernardes, defendendo os foros da nossa lingua, já no seu tempo dizia:

O vicio da curiosidade e affeição a coisas novas passa tambem aos trajos, aos edificios, aos comeres, aos estilos, ás leis, e até ás mesmas palavras. Pelo que não faltam novelleiros que querem emendar, ou illustrar o idioma commum, introduzindo-lhe palavras exoticas, e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo, na verdade, mais ridiculos.

Isto escrevia o grande mestre da nossa lingua, váe para dois seculos. Que não diria elle se resuscitasse agora?

Explicaçao do enigma do numero 43
Entre irmãos não mettas as mãos

Da charadá do n. 42 — Rosario

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.